



## **Comunicação: influência da televisão no comportamento da sociedade<sup>1</sup>**

Caroline Natale Melquiades ROOKE<sup>2</sup>

André Quiroga SANDI<sup>3</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### **RESUMO**

Os aspectos apresentados pelo jornalismo investigativo (HUNTER, 2003) são diferentes do jornalismo convencional e colaboram para a influência no dia a dia e no comportamento de milhares leitores e telespectadores. O presente artigo, ao trabalhar com o programa televisivo Cidade Alerta, transmitido pela emissora da Rede Record, busca compreender a prática do jornalismo investigativo, de acordo com a sua aplicabilidade, na realidade apresentada, das apurações dos fatos. Na busca em obter os furos no jornalismo, para demonstrar o potencial da notícia, à exposição do seu conteúdo, para entender a influência no comportamento apresentado na relação do cidadão comum, existindo a possibilidade de reações de medo ou pânico, diante de influências geradas pelos aspectos afirmativos apresentados no programa.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação; comportamento social; programa cidade alerta; sociedade; televisão.

### **INTRODUÇÃO**

O jornalismo possui diferentes processos e rotinas produtivas, ao trabalhar o jornalismo convencional e o jornalismo investigativo, desde a forma de buscar fontes bem como apurar, apresentando a veracidade dos fatos. A apresentação de provas concretas demanda tempo para a verificação correta de um acontecimento. O que não pode acontecer, segundo Neves (2003, p.7), é na corrida contra o tempo, para obter “furos” e cumprir o “dead line”, elaborar conteúdos superficiais e publicá-los de qualquer forma, sem a devida investigação, atropelando o percurso de constatação de informações, do judiciário, prejudicando o leitor e o noticiado.

O telejornal Cidade Alerta, apresentado por Marcelo Rezende, se denomina como jornalismo investigativo e na sua forma de atuar na mídia televisiva, possui quadros e formas diferentes de noticiar um fato, buscando uma maior aproximação com

---

<sup>1</sup> Trabalho a ser apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XX Intercom Sudeste 2015/UFU – Uberlândia/MG, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo do ICSA-UFOP, email: [rookecarol@gmail.com](mailto:rookecarol@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor doutor do Curso de Jornalismo do ICSA-UFOP, email: [quirogasandi@gmail.com](mailto:quirogasandi@gmail.com)



seu público. O programa ao apresentar tentar exclusividade dos fatos, colabora para julgamentos prévios, mal apurados, prejudicando a contestação na veracidade destes.

Ao aproximar a teoria do jornalismo investigativo e sua prática, é notada a corrida pelo “furo” e sua apresentação a qualquer custo. O conteúdo que vai ao ar, pode deixar resquícios de dúvida, se não estiver bem explicado, permitindo que o apresentador o relate de acordo com o seu ponto de vista e possa vir a induzir o público a conclusões, sem a devida constatação. No caso do programa, muitas vezes, os fatos são apresentados como vereditos, mesmo tendo o alerta de que no jornalismo investigativo “não é justo que se inverta, na mente das pessoas, a ordem das coisas, e a sentença seja passada antes mesmo da instauração do procedimento preliminar ou preparatório de ação penal, a cargo da autoridade policial” (NEVES, 2003, p.7).

É possível demonstrar através desse contexto o que de fato pode acontecer na sociedade. A influência de determinadas ações, por conteúdos apresentados na televisão, para indivíduos que demonstrem comportamentos tendenciosos na prática de violência, podem estimular tais atitudes. Mesmo que seja direcionado para determinado público, a interpretação de cada pessoa pode aumentar os índices de violência, distúrbios, dentre outros.

## DIFERENÇAS NO JORNALISMO INVESTIGATIVO

O jornalismo possui diferentes vertentes e formas de apuração. No quadro 1 são comparados formas de pesquisa, relação de fontes e o resultado, dentro do jornalismo convencional e investigativo. Ao observar os conceitos apresentado no quadro é possível notar que as relações de apuração permitem que cada medida de verificação de fonte seja voltada para determinada mídia, objetivo e público a ser atingido. Com isso, pode-se demonstrar que as diferenças presentes tornam clara a captura de informações e publicação, mas se igualam no objetivo principal na constatação das notícias como verdade.

<b>Quadro 1</b>	
<b>Jornalismo Convencional</b>	<b>Jornalismo Investigativo</b>
<b>Pesquisa</b>	
A apuração das notícias é realizada com agilidade, mas a história deve estar completa.	A apuração da história deve ser confirmada e a investigação pode continuar depois da sua publicação.
A história é baseada em poucas informações, podendo ser curta.	A história é baseada no máximo de informações, podendo ser longa.



<b>Relações de Fontes</b>	
O relato das fontes se presume na boa fé de seus depoimentos, geralmente sem a constatação da sua veracidade.	A boa fé das fontes não pode ser presumida, podendo ser que a sua contestação seja falsa, as informações não podem ser utilizadas sem verificação.
O repórter aceita a versão oficial da história, sem contestá-la através de comentários e afirmações de outras fontes.	O repórter possuiu a liberdade de desafiar ou negar explicitamente a versão oficial da história, com base nas informações de outras fontes.
O repórter não dispõe de poucas informações, ou seja, menos que a maioria das fontes.	O repórter dispõe de mais informações que qualquer uma das fontes apresentadas, ou seja, possuiu mais informações que o conjunto das fontes consideradas.
<b>Resultado</b>	
O todo da reportagem é visto como um reflexo do mundo que é aceito como de fato é apresentado. O repórter não espera obter resultados além do informar o público.	Ao apresentar o fato, o (a) repórter se recusa a aceitar o mundo como ele se apresenta. A história visa a penetrar ou expor uma dada situação, de forma que seja reformada ou denunciada, ou em certos casos, que promova o exemplo de um caminho melhor.
Para o produto final da reportagem, não é necessário um engajamento pessoal por parte do repórter.	Para a excelência do produto final da reportagem, é necessário que haja um engajamento do repórter, se não a história nunca será completada.
A objetividade é almejada pelo repórter, sem viés ou juízo que acumule valor em relação a qualquer uma das partes envolvidas.	Baseado nos fatos da história, o repórter busca ser justo (a) e escrupuloso (a), baseado nesse julgamento pode designar as vítimas, heróis e malfeitores. O (a) repórter pode oferecer juízo de valor ou veredito sobre a história.
A dramática da reportagem não é importante, pois a história não necessita ter um final, as notícias continuam.	A estrutura dramática da história é fundamental para o seu impacto, levando a conclusão que o repórter oferece através de uma fonte.
Os erros cometidos pelo (a) repórter são inevitáveis e não atribuem muita importância ao conteúdo.	Os erros cometidos pelo (a) repórter expõem as sanções formais e informais, podendo destruir a credibilidade do autor da notícia nos meio de comunicação.

Quadro 1 – Comparativo do jornalismo. Fonte: HUNTER (2003, p.9). Elaboração: autora.

A diferença entre o jornalismo convencional do investigativo aponta critérios de exposição e divulgação do conteúdo, podendo direcionar a forma como o fato é exposto ao telespectador, influenciando no seu comportamento de acordo com os critérios de investigação declarados pelo repórter. A medida que o repórter investigativo relata algo sobre um fato, este expõe suas influências e percepção de julgamento. Através dessa



atribuição é possível estimular o comportamento, nas reações diversas, como no estímulo a induções de comportamento, fobias, desconfiança, dentre outros.

Nunca, nunca, nunca ataque alguém em uma história sem oferecer a essa pessoa uma oportunidade de responder às suas evidências. É possível que ela lhe ofereça uma explicação absurda. Cite isso. Talvez ela se recuse a fazer comentários. Diga aos expectadores que ela preferiu não responder, sem sugerir que isso é algo culpável. Ninguém é obrigado a falar com jornalistas (...) (HUNTER, 2003, p.78).

Ao estudar o jornalismo investigativo, percebemos que a sua prática está diretamente relacionada à descoberta dos fatos ocultos, investigando a sua veracidade através de comprovações como provas físicas de documentos, filmagens e depoimentos de várias fontes, para abordar vários pontos de vistas que direcionam ao único ponto, a busca pela veracidade dos fatos.

Dentro desse contexto a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT)<sup>2</sup>, possibilita a filtragem de conteúdos, desde que estejam de acordo com a utilização da liberdade de expressão. Ao ser o vínculo de transmissão de informação, cultura e entretenimento para o mundo, permite dentro do espaço de cada emissora, a liberdade de informações e determina as regras de transmissão de rádio e televisão, defendendo a liberdade de imprensa e de expressão. Com mais de três mil emissoras associadas, são prioridade os valores essenciais da democracia, dentro de conceitos que atingem a ideologia de liberdade de imprensa no jornalismo investigativo. Através do site da ABERT, são realizadas denúncias de irregularidades que ocorrem nos meios midiáticos, do não cumprimento de democracia e liberdade de imprensa.

## **ELEMENTOS PARA O JORNALISMO INVESTIGATIVO**

O jornalismo investigativo possui um potencial atrativo, na captura de informações. Mas a apuração de um fato pode colocar o jornalista em situações de risco, como foi o caso do jornalista investigativo Tim Lopes.

O jornalista Tim Lopes, de 51 anos, foi torturado e morto por traficantes na favela da Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro, em junho de 2002, quando fazia uma reportagem investigativa sobre bailes funk financiados pelo tráfico no Complexo do Alemão, subúrbio carioca. A morte do repórter da TV Globo foi ordenada por um dos líderes da facção Comando Vermelho, o traficante Elias

---

<sup>2</sup> Fundada em 27 de novembro de 1962, em Brasília. Disponível em <<http://www.abert.org.br/web/index.php/projeto-liberdade-de-imprensa/somosquemimprensa>> Acesso em: 13 de abril. 2015.



Maluco. Ele e outros seis homens foram condenados por envolvimento no crime (OGGIONI, 2012, on-line<sup>3</sup>).

Os procedimentos cabem às autoridades competentes, como acusação, investigação, julgamento e condenação, atos que competem ao Poder Judiciários com a valiosa colaboração do Ministério Público e da polícia judiciária. Além da imprensa se sujeitar ao risco de distorcer uma informação, pode assumir outras gravidades

(...) a corrida contra o relógio, a pressa em ser a primeira a divulgar a notícia. Existe a possibilidade de descuidos, da divulgação de inverdades, até de informações erradas - passadas ao jornalista com o intuito de prejudicar a pessoa investigada (...). A responsabilidade do jornalista não pode ser sacrificada em favor da corrida pelo “furo”. As informações recebidas não podem deixar de ser verificadas e, se não forem confirmadas por outra fonte independente da primeira, devem ser postas de lado (NEVES, 2003, p.8).

No jornalismo investigativo são utilizadas formas de abordagens descritas por Hunter (2003), sintetizadas no quadro 1, que orientam o ideal da investigação, mas dentro deste contexto são apresentados aspectos de entretenimento para obter a atenção dos telespectadores, através da aplicação de sensacionalismo e opinião do apresentador.

Em seu livro Gêneros Televisivos, Mota (2011), aborda o programa Cidade Alerta e afirma que o seu conteúdo, apresenta aspectos do jornalismo policial e sensacionalista ao relatar suas notícias, abordando sempre a violência urbana, como grande potencializador da audiência. Este autor aponta que

o Cidade Alerta se beneficia de um bom relacionamento construído com o meio policial, o que lhe garante vários ‘furos’ e a possibilidade de acompanhar e transmitir ao vivo as ações policiais, algumas programadas para acontecer no horário da transmissão do programa (MOTA, 2011, p. 138).

Por ocasião o efeito que reverbera no jornalismo investigativo, se praticado de forma responsável, possibilita a colaboração na influência da denúncia quando utilizado eticamente e praticado como, “um instrumento poderoso de impacto, influência e convencimento, que pode ser utilizado em benefício da comunidade e para o fortalecimento da cidadania” (NEVES, 2003, p.8).

A televisão conquista popularidade por apresentar imagens que segmentam movimentos e sentidos englobados no dia a dia das pessoas, através de programações que incluem o indivíduo de diferentes faixas etárias e condições sociais, colaborando para a modificação de hábitos familiares, se destacando por apresentar um status

---

<sup>3</sup> Caso Tim Lopes In: Último Segundo: Crimes. 2012. Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/crimes/caso-tim-lopes/n1597661837127.html>> Acesso em: 05 de maio. 2015.



importante no meio de comunicação. “Curiosos e especialistas, rapidamente, perceberam as oportunidades oferecidas pela televisão para finalidades educativas, informativas e, principalmente, comerciais” (TEMER; TONDATO, 2009, p.12).

O discurso televisivo possuiu estratégias que dialogam com o telespectador, gerando ligações de emissor e receptor, induzindo a certeza deste estar inserido em uma conversa. Esse recurso utilizado dificulta a percepção do receptor em diagnosticar se a mensagem é unilateral.

O programa ao vivo, é um desafio, mas ao mesmo tempo retoma ao conceito do que é fazer televisão, de acordo com a história brasileira e o seu início que foi através de programas de auditório.

## **ANÁLISE DO CONTEÚDO DO PROGRAMA CIDADE ALERTA**

O programa de telejornal Cidade Alerta da emissora de transmissão Rede Record, é transmitido de segunda à sábado. Possuindo dois blocos, no horário de 17h às 19:45 com versão nacional e entre 19:45 e 20:30 com notícias locais, sempre com o apresentador Marcelo Rezende e aos sábados comandando por Luiz Bacci. Além dos apresentadores possui a participação do Comandante Hamilton, Percival de Souza e de repórteres, como Luiz Bacci.

O apresentador Marcelo Rezende possui performances na sua apresentação que o caracterizam em frases marcantes, como “corta pra mim”, “corta para 18” e “Dá trabalho pra fazer”, esta última utilizadas em matérias exclusivas. Além dos apelidos, que são atribuídos por ele aos repórteres, como Fabíola “Rabo de arraia”, “Capitão nascimento”, “alisando o gato”, “dó-ré-mi” para Narla, “Biquinho de lacre” e para Ernani “Leva bala”.

O programa, com transmissão ao vivo, inicia o *lead* em diferentes formatos, ora por manchete, apresentando a *suite*, direcionando em seguida para o intervalo comercial, barriga, através de diálogo com Luiz Bacci, escalada, que utilizam frases impactantes ou exclusividade de acordo com a demanda de pauta de notícias de violência, estupro, assassinatos, dentre outros.

Dentro dos fatos apresentados no programa são realizados como forma de entretenimento e facilitador de entendimento. E tem forte apelo ao gênero dos docudramas, que são simulações ficcionais de dramas reais, referentes a algo que



realmente aconteceu ou está acontecendo. Aproximando o público, por demonstrar “narrativas “romanceadas”, “dramatizadas”, coloridas com suspense e, portanto, irreais” (TEMER; TONDATO, 2009, p.137).

No docudrama, os casos apresentados, constroem uma narrativa por meio das ações, além de apresentar aspectos estruturais que se baseiam na presença do conflito, dos personagens em ação e no uso dos diálogos. Demonstrado como fato/ informação. A imitação permite transmitir algo que não foi mostrado, (...) “o drama imita e o jornalismo mostra” (TEMER; TONDATO, 2009, p.140).

Durante a programação, o apresentador segue com a cobertura de vários acontecimentos, hora apresentados no formato de docudrama, hora por correspondentes, flashes apresentado pelos repórteres, nota ao vivo e passagem do repórter.

Outro ponto interessante no cenário é a ausência da bancada, uma tendência que se apresentava em programas mais antigos e consagrados como, por exemplo, Aqui Agora e Globo Repórter. Este modelo de cenário permite que o âncora obtenha uma performance corporal maior, permitindo que desempenhe um papel de apresentador de um jornalismo show (MOTA, 2011, p. 125).

Não há padrões de duração das matérias, podendo durar de cinco minutos à meia hora, dependendo do nível de sensacionalismo. De acordo com o poder de persuasão do apresentador Marcelo Rezende, dentro dos aspectos de coberturas “ao vivo”, correspondendo, “o diferencial da apresentação ser ao vivo cria um elo com o telespectadores, pelo fato de garantir a confiança e credibilidade do público que assiste” (MOTA, 2011, p.125).

Segundo a pesquisa por Nassif (2013), apresentada no Jornal GGN, pela Biome de Inteligência para a Secom (Secretaria de Comunicação Social), dos telejornais mais assistidos, o Cidade Alerta ocupa a terceira posição.

Para compreender a dinâmica de funcionamento do programa foi elaborado o quadro 2, com os temas mais abordados. Os dados coletados são referentes às datas de observação, do dia treze a dezenove de abril do ano de dois mil e quinze.

<b>Quadro 2</b>		
<b>Abordagens do Programa</b>	<b>Dados</b>	<b>Observações</b>
<b>Pedofilia</b>	2	
<b>Doença</b>	1	
<b>Assassinato</b>	30	<b>15 - Homens -15 9 - Mulheres</b>
<b>Entrevista com conhecidos da vítima</b>	16	<b>(Amigos/Parentes/ Vizinho)</b>
<b>Simulação</b>	12	
<b>Reportagem</b>	49	



<b>Entrevista com o Delegado ou Policial</b>	7	
<b>Telespectador é convocado para denunciar</b>	4	
<b>Comandante Hamilton</b>	7	
<b>Tiroteio</b>	3	
<b>Drogas</b>	5	Apreensão de drogas/ traficantes
<b>Heroísmo(Animal/Homem)</b>	1	
<b>Falecimento por mal atendimento em hospital público</b>	1	
<b>Desaparecimento</b>	5	
<b>Exclusividade</b>	6	
<b>Assalto</b>	19	
<b>Prisões</b>	9	
<b>Assédio a mulher</b>	1	
<b>Erro ao vivo/ Brincadeiras com os repórteres</b>	8	
<b>Blocos</b>	3	
<b>Propaganda</b>	3	
<b>Venda proibida</b>	2	
<b>Atropelamento</b>	1	
<b>Maus tratos</b>	2	Incluiu crianças.
<b>Parto no voo bombeiros</b>	1	
<b>Alagamento/ Agressão/ Incêndio</b>	1	Todos apresentaram o mesmo índice.

Quadro 2 – Temas mais abordados no programa. Elaboração: autora.

## O EFEITO NO COMPORTAMENTO

Para conseguir compreender os possíveis efeitos que programas como o Cidade Alerta geram no público foi realizada uma entrevista<sup>4</sup> com um profissional da área de psicologia, formado pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), com especialidade em psicopedagogia e concursado há cinco anos. Seus relatos evidenciaram que o conteúdo apresentado pelo programa Cidade Alerta tem propositalmente a finalidade na audiência. No entendimento do profissional entrevistado, “a morte é um dos assuntos que causam mais medo nas pessoas, o tempo todo vivemos para se proteger da morte e o programa, foca muito nesse diálogo, em trazer uma morte iminente.” Buscando entender o formato do programa o entrevistado aponta que

<sup>4</sup> Entrevista realizada através do questionário estruturado, em contato direto e gravado, no dia 28 de abril de dois mil e quinze. As transcrições das falas serão utilizadas neste artigo e identificadas como (Psicólogo)



o programa não apresenta provas concretas na sua apuração. Demonstrando no seu conteúdo superficialidade, prisões, tráfico de drogas, dentre outros. Não há um questionamento, estatísticas, o que causa a sensação, de estarmos vulneráveis a todo instante e que uma ação violenta, podem acontecer a qualquer momento. Pensando em uma população em geral, vejo que esse tipo de programa pode ser perigoso (Psicólogo).

Para as pessoas que estão iniciando o seu crescimento intelectual ou amadurecimento, como as crianças, o conteúdo desse tipo de programa é prejudicial, pois elas ainda não possuem uma bagagem de história de vida, para questionar aquilo que assistem. Por outro lado os idosos, apesar de terem uma experiência de vida, sua história é diferente da atual. A televisão para muitos idosos funciona como única forma de interagir com o mundo, tornando-se uma mídia perigosa, no sentido de gerar medo. Ao reforçar uma violência que pode acontecer a qualquer momento. Se este indivíduo aumenta a frequência em assistir o programa, tornando-o um hábito, pode vir a gerar uma fobia, através da cristalização de pensamentos ruins.

De acordo com o relato do profissional da área de psicologia, a apresentação de conteúdos ditos como “supercifiais”, sem a devida apuração, podem prejudicar os telespectadores no seu dia a dia, além de causar distúrbios emocionais como a fobia social. O perigo pode estar também em relatar inverdades e confundir ou estimular pessoas que confiam e se baseiam na informação apresentada pela mídia, no caso, o telejornalismo.

A fobia pode ser gerada por um medo já existente dentro do indivíduo. A partir do momento em que, esse medo é alimentado, com repetições em afirmações, não verdadeiras, isso pode fazer com que o conceito apresentado se cristalice como verdade, alimentando o medo e gerando a fobia. O processo de fobia tem um ciclo,

se você vê uma comédia, você ri, gera um prazer. Uma notícia ruim te gera uma ansiedade, um pequeno mal estar. Ouvir situações ruins para qualquer pessoa gera ansiedade. A frequência disso vai culminando no medo, medo excessivo, e vira uma fobia, podendo culminar também numa fobia social, que é o isolamento total de qualquer pessoa, inclusive de familiar (Psicólogo).

O apresentador se torna referência para os telespectadores, sendo assim, as informações que são transmitidas por ele, são tidas como verdade. Podendo consolidar o medo, ao invés de estimular uma sustentação e o olhar crítico, para o que está sendo investigado. Ocasionalmente em um sentido mais profundo, a fobia social, um isolamento a partir do medo de outras pessoas.

Entender que essa área do jornalismo, para ser séria necessita de apuração bem feita, e de uma crítica em cima daquilo que se possuiu como informação, para



passar ao seu telespectador, fatos que possuem fundamentos base. A partir do momento que repórteres, jornalistas ou apresentadores que não tem o compromisso com o jornalismo investigativo, mas apenas interesses em criar o ibope para certa rede de televisão, esse é o perigo de influenciar de maneira negativa a população (Psicólogo).

Os pensamentos distorcidos, como posso ser morto, assassinado e sofrer algo a qualquer hora, destoam da realidade, mesmo que possam acontecer, as chances são mínimas. Causando a preocupação com esse tipo de programa para as pessoas que estão isoladas no seu contexto de vida e o assistem.

O programa busca abordar assuntos, dentro do contexto de mundo, muitas vezes para um público onde a violência já está próxima, que normalmente são as classes menos favorecidas economicamente. Justamente por não terem acesso a outros tipos de lazer, tais pessoas tendem a assistir programações mais próximas de suas realidades.

O direcionamento de programas, à partir de sistemas televisivos, abertos e/ou fechados<sup>5</sup> na televisão brasileira apontam o tipo de público a que se destina. No entendimento do psicólogo, “uma coisa é um programa de culinária que passa receita de salmão, outra é que passe receita de ovo, diferenciado as classes de acordo com o conteúdo apresentado.”

O Cidade Alerta é direcionado a classes menos favorecidas economicamente, que possuiu por objetivo, fortalecer a identificação com o seu público. Na visão do Psicólogo, a identificação ocorre pois

eu vejo algum programa que faz parte do meu contexto. (...) As mídias de comunicação, não podem apresentar conteúdos tão objetivos, tão a cega, pois de acordo com o lado jurídico que realmente demonstra alguma prova. O veículo divulgar informações superficiais pode ser perigoso, pela constatação da legibilidade da informação, tornando-a pública a pessoas que podem pegar as dores e buscar fazer justiça com as próprias mãos. Há uns três anos atrás, um jornal de grande circulação e muito barato, publicou a história de uma mulher, uma foto errada, que fazia macumba para uma criança, ela foi espancada e morta pela comunidade. O jornal era voltado ao grupo que tem pouca crítica (Psicólogo).

A reportagem que não é montada corretamente, de acordo com o jornalismo investigativo, culminando para o medo que já está ali guardado, pronto para explodir a qualquer momento. Conhecido, como o medo iminente, a qualquer momento pode acontecer uma coisa ruim. Então quando esses grupos se reúnem, por essa identificação, de que podem ser roubados ou assassinados a qualquer momento, por já viverem em um contexto de situação precária, através do medo, podem se unir e matar algum inocente.

---

<sup>5</sup> Canal aberto – Não Pago, livre à todos. / Canal fechado – Pago com assinatura.



O apresentador se apropria da questão familiar, utilizando formas de comunicação que lembram a ‘fofoca’, na intencionalidade de saber o que o outro está fazendo. Como exemplos dos apelidos, temos “Rabo de arraia”, “Capitão nascimento”, “alisando o gato”, que proporcionam um ar de informalidade, na busca por criar intimidade com o telespectador. Segundo o entrevistado,

o programa reuniu todas as coisas ruins em um só e torna tudo como verdade absoluta. (...) Se a gente for pensar na influência do apresentador, ele não pratica a violência, ele apenas gera um status de importância para o suposto bandido ou crime que esteja acontecendo. Se você coloca no ar o crime de algum bandido, de certa forma você permite que ele tenha um espaço, conseguindo status e destaque, fazendo com que essa pessoa ganhe notoriedade e para indivíduos que já possuem de certa forma uma tendência em realizar algum tipo de crime, isso pode influenciar (Psicólogo).

De acordo com o conhecimento dentro da área do entrevistado, um conteúdo apresentado sem contextualização, pode prejudicar e influenciar de forma negativa as ações na sociedade. Por transmitir aspectos que demonstrem o ideal, como a sua vestimenta de apresentador, formal, caracterizando-o como “o patrão”, a credibilidade do apresentador, pelo longo percurso na televisão e a proporção do programa televisivo, sendo transmitido nacionalmente.

## **CONCLUSÃO**

Os aspectos apresentados dentro do contexto do jornalismo investigativo, permitem a análise de teoria e aplicabilidade. E dentro de um ideal prático foi constatado algumas falhas na aplicação dos processos de rotinas do telejornalismo investigativo no programa Cidade Alerta.

O ponto de vista apresentado pelo psicólogo, em seu âmbito profissional, colabora, para concluir que a publicação de conteúdos superficiais, que demonstram interesse em fatos sensacionalistas, influenciam de forma negativa e se tornam “perigosas”, para a sociedade, com má contextualização. Possuindo, assim, grande potencialidade na contribuição de distúrbios, como a fobia social e colaborando na construção e indução de medo na sociedade.

O programa Cidade Alerta, com sua estrutura de apresentação, possui conteúdos sem devida investigação. Dentro de um contexto de ética, as partes acusadas, deveriam ter espaço para defesa e justificação de atos e provas, o que de fato, são coagidos, pressionados, a relatar informações em frente à câmera. Essas questões sinalizam que o



programa pode apresentar distorções quanto o direito de resposta, acusação ao condenado, ferindo o conceito de ética do jornalismo investigativo.

No contexto do jornalismo investigativo, concluiu-se que ambos os atores da investigação devem ter o direito de resposta, resultantes dos conceitos de ética. Mas além da sua aplicabilidade ser falha, é utilizada para apuração o jornalismo convencional, dito como jornalismo investigativo, apontando aspectos de opinião.

Os elementos construídos dentro da pesquisa colaboram para esclarecer o que de fato, deveria ser apresentado ao telespectador, que como ser humano, não deveria ser visto como um ponto de audiência, mas sim com dignidade de cidadão e respeito, ao relatar sobre um fato que não se têm a certeza e investigação apurada, para divulgação de âmbito nacional.

Assim, o fato de colaborar com a violência, gerando status e espaço aos agentes de crimes, informando de forma não apurada aos telespectadores, influencia negativamente a sociedade, que se apropria de conteúdos indevidos e aplica o pré-julgamento nas pessoas desconhecidas, disseminando a individualidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERT. **Projeto liberdade de imprensa.** Disponível em <<http://www.abert.org.br/web/index.php/projeto-liberdade-de-imprensa/somosquemimprensa>> Acesso em: 13 de abril. 2015.

BERGER, Christa. **Tensões e objetos: da pesquisa em comunicação/organização.** In: WEBER, Maria Helena, BENTZ, Ione e HOHLFELDT, Antonio. **Jornalismo na Comunicação.** P. 137-163. Porto Alegre: Sulina, 2002. 296p.

HUNTER, Mark Lee, et al. **As investigações a partir de histórias: Um manual para jornalistas investigativos.** Uruguay: Unesco, 2003. 89p.

MOTA, Itania Maria. **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo.** Salvador: EDUFBA, 2011. 284p.

NASSIF, Luis. **GGN: O jornal de todos os Brasis.** Disponível em <<http://jornalggm.com.br/noticia/os-telejornais-mais-assistidos-segundo-a-pesquisa-brasileira-de-midia-2013>> Acesso em: 13 de abril. 2015.

NEVES, Nilson. **Imprensa Investigativa: Sensacionalismo e Criminalidade.** R. CEJ, Brasília, n. 20, p. 6-8, jan./mar. 2003.

OGGIONI, Alessandra. Caso Tim Lopes In: **Último Segundo: Crimes.** 2012. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/crimes/caso-tim-lopes/n1597661837127.html> Acesso em: 05 de maio. 2015.

TEMER, Ana Carolina R. P; TONDATO, Márcia Perencin. **A televisão em busca da interatividade: uma análise dos gêneros não ficcionais.** Brasília: Casa das Musas, 2009. 184p.